



A Escola com Inteligência Artificial Generativa

uma jornada
transformadora para um
futuro que já chegou

organizadores

Lara Andréa Crivelaro
George Ricardo Stein

**Alínea**
EDITORA

instituto
educbank
educação & cultura

Sumário

Apresentação	9
<i>Lara Andréa Crivelaro</i>	

Introdução	13
<i>Lara Andréa Crivelaro</i>	
<i>George Ricardo Stein</i>	

CAPÍTULO 1

Inovação e pedagogia: das pequenas mudanças à transformação digital da escola pela IA	29
<i>Luciano Meira</i>	

CAPÍTULO 2

Transformação digital: vertentes críticas para o presente e o passado antes da Inteligência Artificial Generativa	49
<i>Lana Paula Crivelaro Monteiro de Almeida</i>	
<i>Juliana Cavalcante de Andrade Louzada</i>	
<i>Rosemary Trabold Nicacio</i>	

CAPÍTULO 3

Para que universalizar os efeitos da IA em educação? Contextualização como princípio e empatia como valor	63
<i>Guilherme Cintra</i>	

CAPÍTULO 4

Educação e Inteligência Artificial Generativa:
um novo *design* curricular? 87
Silmara Rascalha Casadei

CAPÍTULO 5

Desafios da Inteligência Artificial na educação 113
Adriana Martinelli
Wellington Cruz

CAPÍTULO 6

Inteligência Artificial Generativa
na manutenção das atividades educacionais:
uma reflexão sobre o uso do ChatGPT na escola 137
Elzo Brito dos Santos Filho
Ernandes Rodrigues do Nascimento

CAPÍTULO 7

A Inteligência Artificial e a ressignificação
da formação docente para a inovação na sala de aula 159
Gilson Aparecido Castadelli
Cleide Maria dos Santos Muñoz
Charles Henrique Leal Vieira

CAPÍTULO 8

Como usar a Inteligência Artificial Generativa
na educação sem abrir mão de pensar 179
Betina von Staa

CAPÍTULO 9

O papel da Inteligência Artificial Generativa na educação:
colaboração ativa para desenvolvimento humano reconhecendo
potencialidades, limitações dos humanos e os sistemas 201
Sara M. Hughes

CAPÍTULO 10

Mediação docente aumentada por Inteligência Artificial Generativa:
um caminho prático para desenvolvimento docente 225
George R. Stein

CAPÍTULO 11

Educação internacional e Inteligência Artificial Generativa:
formação de cidadãos globais para um futuro inclusivo e inovador 245
Lara A. Crivelaro

Sobre os autores..... 261

Introdução

Lara Andréa Crivelaro
George Ricardo Stein

Por que este livro, agora?

Em uma época em que somos cada vez mais leitores de telas, e, tratando-se de um tema essencialmente sobre tecnologia digital, é natural refletir: por que um livro? Indo adiante em uma reflexão que corre o risco de explicitar a obsolescência deste livro para o leitor logo no primeiro parágrafo: por que um livro sobre Inteligência Artificial Generativa na Escola, agora?

Esta última pergunta nós fizemos quando surgiu a ideia do livro. A resposta foi fácil e rápida. E foi possível porque George teve a chance de, nos últimos 20 meses, se debruçar sobre conceitos, desafios, histórias, projetos e conversas que nos convenceram da relevância de compartilhar experiências diversas, de diferentes

perspectivas, com um foco específico: ajudar escolas e profissionais da Educação a refletir e decidir sobre como lidar com esta potencial nova era do conhecimento com a Inteligência Artificial Generativa (IAGen).

Entretanto, nosso horizonte das perspectivas de jornada de transformação escolar não está baseado em 20 meses. Este livro integra mais de 120 anos de experiências de diversos autores em Educação Básica, para propiciar repertório, reflexão e uma dose de desafio para o leitor se questionar como trilhar a própria jornada transformadora de IAGen na sua realidade pessoal e profissional.

Esta introdução tem a intenção de condensar alguns dos aprendizados desses últimos 20 meses, de modo a possibilitar duas ações para o leitor: **(1)** ter uma primeira versão de resposta para o questionamento acima acerca da própria jornada de transformação; e **(2)** conhecer e escolher os caminhos a seguir na leitura para ter condição de ter: **(a)** respostas cada vez melhores para o questionamento acima, e **(b)** mais perguntas a serem respondidas na trajetória futura de transformação da sua prática.

Conforme citado na apresentação do livro, não se pode desprezar o advento da disponibilização da IAGen para as escolas. Se, por um lado as escolas, como instituição, não começaram a usar como uma tecnologia educacional formalmente incorporada, por outro lado se teve alunos, professores e lideranças que começaram a usar nas escolas de maneira incipiente, sem direcionamento coordenado. O desafio de incorporar tecnologias digitais a serviço da Educação já se apresenta desde o surgimento de computadores a preços acessíveis, mas, neste caso da IAGen, vale destacar alguns aspectos desafiadores essencialmente inéditos no ambiente escolar quando se trata da incorporação de novas tecnologias. O adven-

to da IAGen e sua potencial contribuição para a Educação traz um ineditismo importante em dois aspectos principais que alteram de maneira significativa o modo de se pensar, planejar e praticar a integração de novas tecnologias na Educação: o modo pelo qual a IAGen adentrou nas escolas, e a capacidade da IAGen produzir conteúdo que pode ser usado pelas próprias escolas. A seguir, exploramos cada um destes aspectos.

A entrada da IAGen nas escolas se deu, e continuou acontecendo principalmente, de maneira não estruturada e pulverizada, vindo sobretudo por meio dos estudantes e professores que tiveram intenções e processos próprios de aprendizagem, para utilização em tarefas específicas. Quando se fala da IAGen tornando-se pública, vale lembrar que foi o ChatGPT o representante da IAGen que, ao ser disponibilizado ao público geral de maneira gratuita em novembro de 2022, inaugurou esta, digamos assim, nova era. Aqui já é interessante notar que a velocidade de adoção foi algo nunca visto no ambiente digital: em menos de cinco dias o ChatGPT chegou a um milhão de usuários mundialmente, alcançando 100 milhões de usuários mensais em janeiro de 2023, mas, até o mês de julho do mesmo ano, somente em um país havia regulação específica para IAGen (UNESCO, 2024).

Voltando a atenção para as escolas, estávamos praticamente nas férias (de verão no Hemisfério Sul, de inverno no Hemisfério Norte) entre 2022 e 2023 e a grande maioria não tinha sequer atentado para o fenômeno que se apresentava. Com o final das férias e volta às aulas, professores e alunos retornavam às escolas e já estava disponível, para quem soubesse e quisesse, essa incrível tecnologia que tem uma capacidade de processamento de informações e produção de textos (entre outros elementos) de maneira infinitamente superior à capacidade humana.

À medida que as instituições de ensino entraram em contato com essa nova realidade, a primeira preocupação foi a respeito de plágio: nada mais esperado. Alunos poderiam contar com a ajuda de tecnologia para obter respostas, elaborar textos e fazer uma parte das tarefas que lhes eram cobradas. Como se tratava de uma tecnologia nova, ainda em desenvolvimento, e as instituições ainda não tinham profissionais aptos a avaliar e direcionar o uso ético, os primeiros movimentos observados mundialmente foram de proibir o uso. Casos de proibição de uso já se observavam no primeiro semestre de 2023 em redes de ensino nos Estados Unidos (Nova Iorque, Seattle, Baltimore, Los Angeles), além de outros países como França e Itália (BUSINESS INSIDER, 2023).

Porém, globalmente, a própria UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), reconhecendo o potencial de novos horizontes para a Educação, já reunia, em maio de 2023, mais de quarenta ministros da Educação para endereçar políticas e diretrizes que pudessem direcionar uma integração da IAGen na Educação de maneira segura, inclusiva, transparente e com qualidade (UNESCO, 2023).

A ideia de banimento da IAGen das escolas foi esvaecendo: o conhecido caso das escolas públicas de Nova Iorque, nos Estados Unidos, é um ótimo exemplo. Em janeiro de 2023 foi decidido pelo banimento do ChatGPT em todas as escolas da rede, em maio do mesmo ano o banimento foi retirado e, em outubro lançou-se um Laboratório de Diretrizes de IAGen (Artificial Intelligence Policy Lab) para definir as políticas e diretrizes a serem adotadas pela maior rede de escolas públicas dos Estados Unidos.

Apesar da consciência crescente em níveis globais sobre a importância da integração da IAGen na Educação, pesquisas apontam que o uso continua sendo maior por parte dos alunos,

que o uso tem sido de maneira desordenada e que a percepção de alunos, famílias e docentes aponta para um atraso das instituições de ensino em estabelecer regras e processos eficientes para uso na Educação (WALTON FOUNDATION, 2024).

Nos Estados Unidos, em pesquisas realizadas em fevereiro de 2023 e maio de 2024 com mais de 1.000 estudantes de educação básica, 1.000 estudantes universitários, 1.000 professores e 1.000 responsáveis por alunos, identificou-se que o índice de familiaridade entre professores e alunos cresceu cerca de 24 pontos percentuais (p.p) e 38 p.p, respectivamente. De maneira mais específica apurou-se que o uso na escola aumentou cerca de 9 p.p. e 27 p.p, respectivamente para professores e alunos. Chama a atenção o fato de que o aumento, tanto em familiaridade, quanto no uso escolar, foi claramente maior entre os alunos do que entre os docentes.

Quanto à percepção sobre as instituições de ensino, ficou evidente que a maioria dos estudantes, professores e responsáveis considera que as instituições não estão fazendo o suficiente para integrar a IAGen de maneira responsável nas ofertas educacionais e que o vazio de políticas escolares acarreta um uso desautorizado (WALTON FOUNDATION, 2024).

Os resultados citados, apesar de estatisticamente relevantes e comprovados por institutos de pesquisa, retratam uma realidade que não a brasileira. Entretanto, sem a mesma propriedade estatística e possibilidade de generalização, a experiência de George como consultor em inovação para aprendizagem, atuando desde fevereiro de 2023 com IAGen na Educação, aponta para realidades parecidas aqui no Brasil.

George teve a oportunidade de conversar, ouvir e desenvolver algum tipo de iniciativa direcionada para IAGen na Educação privada com mais de 120 escolas de educação básica, e institui-

ções de ensino superior que juntas oferecem mais de 250 cursos de graduação, pós-graduação e técnicos. Além disso, em alguns projetos teve a chance de realizar levantamentos sobre o uso docente e as oportunidades percebidas. É notório: **(a)** um uso crescente por alunos, **(b)** um uso crescente e diverso por parte dos docentes que aprendem a nova tecnologia maioritariamente de maneira autônoma, **(c)** uma oferta crescente de soluções educacionais, dos mais diversos tipos, que vêm anunciadas como “artificialmente inteligentes”, e **(d)** um movimento ainda muito incipiente de definição de diretrizes por parte das instituições de ensino.

Apesar destas quatro observações parecerem positivas, existe um grande risco infelizmente já materializado em alguns impactos negativos: o fato de as instituições de ensino não terem diretrizes, orientações profissionais, práticas pedagógicas e códigos de conduta definidos, faz com que alunos, docentes e demais envolvidos na escola utilizem essa tecnologia com foco nos próprios objetivos. E, infelizmente, os objetivos de cada um podem nem sempre estar coerentes com uma proposta de aprendizagem ética, inclusiva, significativa e com qualidade.

A experiência profissional dos últimos meses traz um elemento adicional oriundo da maneira pela qual a IAGen entrou nas escolas: a enorme diversidade de familiaridade e competência para o uso que se observa entre os docentes. Em toda e qualquer escola é possível observar docentes que têm uma combinação de comprometimento com a aprendizagem, curiosidade, postura de aprendiz, familiaridade com tecnologias digitais e um certo ‘empreendedorismo pedagógico’ que faz com que estejam usando a IAGen de maneira criativa e potente em suas aulas. No outro extremo, observam-se docentes que estão confortáveis com os hábitos, práticas e qualidade das aulas que costumam

oferecer, sem qualquer curiosidade, necessidade e conhecimento mínimo de um potencial uso da IAGen, chegando até a oferecer uma certa resistência em conhecer mais. Como não poderia deixar de ser, entre esses dois extremos existem docentes que já ouviram falar de IAGen, até já arriscaram algum uso incipiente na vida pessoal ou na escola, mas não têm perfil, atitude e/ou ideia para se lançar em uma jornada de autoaprendizagem e experimentação de uso na escola.

Aqui cabe trazer à tona o segundo aspecto de ineditismo da IAGen: a capacidade de gerar conteúdo e materiais a serem utilizados em práticas pedagógicas. Na medida em que se tem docentes que se desenvolveram para um uso mais profícuo desta tecnologia, começam a surgir práticas pedagógicas, materiais e atividades que estão sendo criados com o auxílio da IAGen. Assim, mais do que uma diversidade de níveis de competência para o uso, acaba-se criando uma diversidade de maneiras de ‘ser e fazer’ escola, que não necessariamente está sendo coordenada e direcionada pela instituição.

O desafio de integrar a IAGen à oferta educacional da escola passa por conhecer, refletir, decidir e implementar uma série de ações relacionadas ao desenvolvimento institucional, curricular e pedagógico. A instituição de ensino, como qualquer organização, tem uma série de processos administrativos que têm potencial de serem transformados com a IAGen. Tendo a responsabilidade de proporcionar aprendizagem para seus alunos em um contexto cada vez mais permeado pela IAGen, a instituição já está sendo desafiada a planejar ‘por quê, quando e como’ esta nova tecnologia deve fazer parte dos programas e disciplinas que oferece. E por fim, a concretização desta intenção somente se dará com o desenvolvimento profissional docente.

Se pensarmos no ‘futuro da IAGen nas escolas’ como uma situação de adoção, mais do que um momento temporal, é evidente que esse futuro da IAGen nas escolas está distribuído de maneira diversa. O futuro já chegou de maneira diferente para diferentes escolas.

Agora, mais do que nunca, conforme as decisões tomadas pelas escolas, será possível definir uma jornada para esse futuro que já está presente por meio de: **(1)** a coordenação do desenvolvimento desejado nas esferas institucional, curricular e pedagógico, **(2)** a diminuição da lacuna existente entre aqueles que conhecem e usam, e aqueles que ainda não estão sequer familiarizados com esta nova tecnologia, e **(3)** a reflexão e escolha de um potencial novo modelo de aprendizagem que se deseja oferecer.

Uma vez que estão postas a multiplicidade de interesses e a enorme gama de níveis de familiaridade atual com a IAGen nas escolas, faz-se necessário um fluxo diverso e constante de referências e reflexões para que seja possível decidir quando e como ingressar em uma jornada de transformação. O objetivo ao organizar este livro foi justamente propiciar repertório nesse sentido.

A gama de autores com diferentes históricos e experiências traz reflexões, conceitos e abordagens com perspectivas distintas que propiciam ao leitor conhecer, refletir sobre e decidir como a leitura irá influenciar as respostas para as perguntas que o tema já instiga, contextualizadas nas próprias realidades, bem como gerar novas perguntas cujas respostas serão buscadas no contexto prático do leitor.

Tendo isso em mente, decidimos apresentar a seguir os capítulos com sugestões de algumas perguntas essenciais a se ter em mente antes de começar a ler cada capítulo. Pensando em cada capítulo como um diálogo entre os autores e a realidade

do leitor, sugerimos que cada leitor escolha a ordem que mais lhe convier para adentrar nestes diálogos e tomamos a liberdade de fugir à norma técnica e mencionar os autores pelos seus nomes próprios.

Reflexões e diálogos a escolher

Seguindo com a ideia de propiciar reflexões, apresentamos a seguir os capítulos iniciando com uma questão como sugestão de uma perspectiva inicial para leitura.

Capítulo 1. *Inovação e pedagogia: das pequenas mudanças à transformação digital da escola pela IA* (Luciano Meira).

Como a Inteligência Humana continua sendo essencial para a aprendizagem, e como a IAGen pode contribuir de maneira significativa?

Luciano apresenta como a chegada da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) pode dar suporte a uma necessidade de inovação escolar que considera a complexidade do ambiente escolar, a necessidade de pedagogias dialógicas e uma transformação digital de fato, ao invés de uma digitalização dos processos pedagógicos.

Ao trazer um mapa de navegação para reflexão da IAGen na Educação que auxilie identificar e propiciar experiências centradas na produção de sentidos com foco na aprendizagem, Luciano oferece um modelo por meio do qual é possível observar e se conscientizar como a inteligência humana continua sendo essencial para a aprendizagem, e ainda, direcionar como a IAGen pode contribuir para esse processo de maneira significativa.

Capítulo 2. *Transformação digital: vertentes críticas para o presente e o passado antes da Inteligência Artificial Generativa* (Lana Paula Crivelaro Monteiro de Almeida, Juliana Cavalcante de Andrade Louzada e Rosemary Trabold Nicacio).

Como os desafios ainda não superados para uma transformação digital efetiva na Educação complexificam uma integração eficaz da IAGen?

Lana, Juliana e Rosemary trazem luz à importância de se ter uma transformação digital na Educação feita de maneira coerente, alinhada aos desafios postos. Nesse sentido, revisitam vertentes críticas para se ter uma transformação digital efetiva na Educação, anteriores à IAGen, e apresentam como estas vertentes se transformam em desafios atuais com a IAGen.

O texto evidencia e provoca a reflexão de como as vertentes de políticas públicas, infraestrutura tecnológica e formação docente apresentam continuidades e rupturas relevantes quanto aos desafios ainda não superados para uma transformação digital efetiva na Educação.

Capítulo 3. *Para que universalizar os efeitos da IA em educação? Contextualização como princípio e empatia como valor* (Guilherme Cintra).

Como o próprio contexto escolar pode ser um catalisador positivo para benefícios da IAGen na Educação?

Guilherme explicita o potencial benefício da IAGen na Educação, mas também aponta que, historicamente, o aumento da tecnologia educacional não veio sempre acompanhado de um aumento de qualidade. Ao destacar pontos preocupantes em relação

ao uso efetivo e significativo das aplicações de IAGen na Educação, traz à tona que parte delas são independentes do contexto escolar, e outra parte, fortemente dependente.

Com este pano de fundo, o texto convida o leitor a refletir como o próprio contexto pode ser um catalisador positivo para benefícios da IAGen na Educação, pontuando as relações humanas e as pessoas como aspectos essenciais do contexto a serem considerados.

Capítulo 4. *Educação e Inteligência Artificial Generativa: um novo design curricular?* (Silmara Rascalha Casadei).

Como integrar as demandas por mudanças curriculares anteriores à IAGen criando possibilidades de desenho curricular significativas e éticas?

Silmara evidencia que os desafios de construir um currículo com significado e relevância já eram anteriores à IAGen, devendo esta ser incorporada com cuidados e direcionamentos específicos para garantir que os benefícios advindos do seu uso não sejam superados pelos impactos negativos que podem se concretizar devido à falta de competência em endereçar as limitações ainda existentes nessa nova tecnologia.

Ao relacionar os pilares de uma Educação significativa e contemporânea, com os potenciais desafios e riscos que a IAGen proporciona, Silmara convida o leitor a refletir como considerar as demandas por mudanças curriculares já existentes antes da IAGen integrando-as às possibilidades de *design* curricular desse novo contexto tecnológico.

Capítulo 5. *Desafios da Inteligência Artificial na educação* (Adriana Martinelli e Wellington Cruz).

Como interpretar e lidar com as promessas de soluções milagrosas da IAGen na Educação?

Se por um lado a IAGen apresenta uma série de potenciais benefícios para a Educação e para um novo modelo de escola, por outro lado é evidente a complexidade de se integrar essa nova tecnologia de maneira significativa aos modelos educacionais vigentes, dada a variedade de agentes envolvidos, a diversidade de contextos e a necessidade de aprendizagem de uma nova maneira de lidar com o conhecimento e aprendizagem.

Adriana e Wellington apresentam fatos e argumentos que auxiliam a refletir sobre como interpretar e lidar com as promessas de soluções milagrosas da IAGen, tendo em vista os diversos tipos de desafios dos diversos agentes envolvidos.

Capítulo 6. *Inteligência Artificial Generativa na manutenção das atividades educacionais: uma reflexão sobre o uso do ChatGPT na escola* (Elzo Brito dos Santos Filho e Ernandes Rodrigues do Nascimento).

Como os assistentes do tipo GPT podem trazer benefícios às práticas docentes?

Elzo e Ernandes explicitam o potencial da IAGen de dar suporte à preparação de materiais didáticos que atendam aos diversos contextos e perfis de alunos, por meio de uma pesquisa que explora e testa o potencial de criação de planos de aula e questionários.

Ao apresentar as características e potenciais benefícios dos assistentes de IAGen do tipo GPT por meio do experimento realizado com planos de aula e questionários, bem como os respec-

tivos resultados evidenciados pelas respostas dos docentes participantes, levam o leitor a refletir como os assistentes do tipo GPT podem trazer benefícios às práticas docentes.

Capítulo 7. *A Inteligência Artificial e a ressignificação da formação docente para a inovação na sala de aula* (Gilson Aparecido Castadelli, Cleide Maria dos Santos Muñoz e Charles Henrique Leal Vieira).

*Por que e como ressignificar
a formação docente com IAGen?*

Por meio de um experimento de formação docente, Gilson, Cleide e Charles analisam a IAGen com três perspectivas: como demanda de desenvolvimento docente, como competência já desenvolvida com diversos níveis de prontidão entre os docentes e como instrumento para a personalização da aprendizagem docente.

O texto apresenta a pesquisa e instiga o leitor a refletir por que e como ressignificar a formação docente com, para e sobre a IAGen.

Capítulo 8. *Como usar a Inteligência Artificial Generativa na educação sem abrir mão de pensar* (Betina von Staa).

*Como lidar com os riscos da IAGen,
estimulando o pensamento?*

Betina oferece uma visão crítica necessária em um momento no qual parece haver uma pressão social na direção da adoção rápida da IAGen na Educação, o que pode gerar uma integração sem cuidados e pouco criteriosa. Apresenta os descuidos potenciais e riscos de uma adoção pouco responsável, ao mesmo tempo

que discorre sobre os tipos de aprendizagem que a IAGen não dá conta de suprir.

Além de ressaltar a importância de se gerar condições na escola para que se efetivem as recomendações que ela apresenta, convida o leitor a refletir como lidar com a inevitabilidade da IAGen, estimulando o pensamento e lidando com os riscos de maneira responsável.

Capítulo 9. *O papel da Inteligência Artificial Generativa na educação: colaboração ativa para desenvolvimento humano reconhecendo potencialidades, limitações dos humanos e os sistemas* (Sara M. Hughes).

Quais princípios e variáveis escolares devem ser considerados para integrar a IAGen com intencionalidade pedagógica e ética na escola?

Sara evidencia a importância da compreensão da interação das habilidades humanas com a IAGen para melhor lidar com suas potencialidades e limitações. Tempo de tela, o risco de não desenvolver habilidades humanas imprescindíveis e uma postura crítica em relação à IAGen são alguns dos elementos trazidos com um olhar que também considera a importância de se desenvolver competências para imaginar e criar futuros desejados, com uma abordagem sistêmica.

Ao trazer uma perspectiva de liderança escolar, Sara oferece uma oportunidade para que o leitor possa refletir sobre quais princípios e variáveis devem ser considerados para integrar a IAGen com significado, ética e humanidade na escola.

Capítulo 10. *Mediação docente aumentada por Inteligência Artificial Generativa: um caminho prático para desenvolvimento docente* (George R. Stein).

Como formar professores aptos a definir ‘se, por que, quando e como’ mediar a aprendizagem com IAGen?

George escolhe trazer as potencialidades e riscos da IAGen na Educação com um foco na atuação docente, reconhecendo e explicitando o caráter insubstituível dos professores e a importância de desenvolver habilidades docentes essencialmente humanas, para serem mediadores de aprendizagem que saibam escolher e usar a IAGen a seu favor.

Propõe critérios para escolher ‘se, por que, quando e como’ usar a IAGen, sugerindo um caminho e uma rubrica de desenvolvimento docente que leve o leitor a refletir sobre como inserir o desenvolvimento docente em IAGen nos desafios atuais do contexto educacional.

Capítulo 11. *Educação Internacional e Inteligência Artificial Generativa: formação de cidadãos globais para um futuro inclusivo e inovador* (Lara A. Crivelaro).

Como uma Educação Internacional, aliada à IAGen, contribui para reduzir o desalinhamento de habilidades entre o que a escola propicia e o mundo profissional necessita?

Lara encerra o livro com um olhar realista para o futuro, trazendo como esse novo contexto tecnológico muda as demandas de desenvolvimento humano, ressaltando as competências necessárias para um cidadão global protagonista de um futuro melhor para todos.

Ao reconhecer que o novo contexto tecnológico com IAGen transforma não somente o que fazemos, mas quem somos, o capítulo conduz o leitor a refletir sobre essa transformação. Em uma época em que não se tem mais clareza sobre qual será a maioria das profissões que os atuais alunos da Educação Básica encontrarão na vida profissional futura, o leitor é instigado a pensar sobre como uma Educação Internacional, aliada à IAGen usada com intencionalidade pedagógica, contribui para reduzir o desalinhamento de habilidades entre o que a escola propicia e o mundo profissional necessita, para um futuro inovador e inclusivo.

O futuro da escola com IAGen já está presente, esperamos que as reflexões, respostas e demais perguntas que surgirem no decorrer da leitura destes capítulos possam contribuir com melhores escolhas para a sua jornada transformadora.

Que seja uma ótima jornada!

REFERÊNCIAS

BUSINESS INSIDER. *Here are the schools and colleges that have banned the use of ChatGPT over plagiarism and misinformation fears*, 30 de Janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/chatgpt-schools-colleges-ban-plagiarism-misinformation-education-2023-1>. Acesso em 11 out. 2024

UNESCO. *Use of AI in education: deciding on the future we want*. 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/use-ai-education-deciding-future-we-want>. Acesso em: 11 out. 2024.

UNESCO. *Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386693>. Acesso em: 15 jun. 2024.

WALTON FAMILY FOUNDATION. *AI Chatbots in Schools Findings from a Poll of K-12 Teachers, Students, Parents, and College Undergraduates*. 11 jun. 2024. Disponível em: <https://www.waltonfamilyfoundation.org/learning/the-value-of-ai-in-todays-classrooms>. Acesso em: 08 set. 2024.